

A EAD E AS SUAS DIFERENTES FORMAS DE APRENDER

Ana Manuela Kumolehã

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo discorrer e refletir sobre a modalidade de ensino Educação a Distância, suas características, juntamente com um recorte histórico, desafios, elencando a estes as diferentes formas de aprendizagem e ao novo perfil de ingresso nesta modalidade educativa. Tendo em vista que é sabido que muitos são os desafios, para ambos os sujeitos do processo: o aluno, que precisa criar estratégias e disciplina de estudo, e o tutor, que precisa mediar situações de aprendizagem para os estudantes. A Educação a Distância, juntamente com os recursos tecnológicos (vide internet), tem estreitado a relação do estudante com o ensino, uma vez que tenta universalizar o acesso a informação, para atingir o maior número de estudantes, com separação físico-temporal.

Palavras-chave: Educação a distância. Aprendizagem. Desafios.

1. INTRODUÇÃO

Parece recente, entretanto, os primeiros registros sobre experiências com a Educação a Distância (EaD) datam de 1728, curso por meio de correspondência (materiais enviados semanalmente, pelos correios), na cidade de Boston, Estados Unidos (EUA). O docente Caleb Philips, através de um anúncio inusitado, divulgou o curso de Taquigrafia¹, destinado a estudantes de várias localidades de todo o país.

Mudanças no processo, tanto no que se refere a tecnologia empregada, quanto a respeito do perfil dos estudantes ingressos nesta modalidade de ensino. Inicialmente, notórias, antes o foco era o curso profissionalizante, atualmente, há um público variado e de diferentes níveis de escolaridade, desde o ensino fundamental, perpassando pelos níveis técnico e superior, até cursos de pós-graduação.

¹ Taquigrafia refere-se a técnica para escrever à mão de forma rápida, usando códigos e abreviações.

Apesar dos avanços tecnológicos e estruturais na formação da EaD, existem alguns pontos de convergência desde sua implantação, como a separação físico-temporal; falta de contato com colegas de curso/sala de aula, e possível troca e compartilhamento de conhecimento; contato bilateral² com a Instituição; o não deslocamento para realização de tarefas (exceto em casos específicos); aprendizagem individualizada e autônoma. Esta última configurando-se, inclusive, como um dos maiores desafios da atualidade.

Com uma breve passagem evolutiva sobre a Educação a Distância, a nível mundial, chega-se há alguns registros: a EAD até os anos 1910 utilizava correspondência, com materiais impressos; a partir daí inicia-se o uso de slides e audiovisuais como materiais adicionais, posteriormente utiliza o rádio para transmissão de conteúdos, e no final do século XX passa a utilizar o computador (do CD-ROM a internet) para realização de tarefas e interatividade (no caso da internet). No Brasil, o primeiro marco da EAD foi em 1904, com o anúncio do curso de datilografia (máquina usada para escrever, substituída pelo computador), nos classificados do Jornal.

A evolução da Educação a Distância, apontada acima, vai de encontro as mudanças no perfil dos novos estudantes ingressando nesta modalidade de ensino. Estes estudantes são, normalmente, multitarefas: trabalham (às vezes, em mais de um local), não tem tempo para acompanhar aulas presenciais, moram distante de Instituições de ensino presenciais, dentre outros fatores, o que tem contribuído para a ascensão da EaD.

No entanto, com o crescente avanço da Educação a Distância, algumas problemáticas e inquietações vieram à tona: Como tornar o ensino a distância mais lúdico e atrativo para a diversidade de alunos? Como fazer com que a aprendizagem seja, de fato, significativa? Como atender as múltiplas necessidades dos estudantes? Por fim: Como criar metodologias para atender as diferentes aprendizagens dos estudantes? Todas estas questões trazem dois sujeitos em pauta: o que aprende, mediante estímulos e facilidade com determinados conteúdos e/ou áreas do conhecimento – o estudante; o que ensina, que precisa dialogar, mediar e favorecer condições de aprendizagem ao estudante – o

2 Ao invés de bilateral, a troca no ensino presencial (salas de aula convencionais) tende a ser multilateral, no contato aluno-professor, professor-professor, aluno-aluno.

professor/tutor/mediador. Devido ao grau de complexidade, estas questões não serão respondidas, mas trazidas no texto para reflexão.

Ainda que não seja o foco deste texto, vale salientar que as problemáticas envolvendo o contexto da aprendizagem, apontadas acima, perpassam também pelo ensino presencial. É difícil acompanhar a aprendizagem e as multiplicidades intrínsecas de cada ser, quanto mais, acompanhar a aprendizagem do 'outro lado da tela'. O que se faz, normalmente, é verificar/acompanhar o rendimento das atividades individuais (o que nem sempre garante o aprendizado satisfatoriamente) virtualmente resolvidas.

2. ESTUDANTE COMO SUJEITO DE SUA PRÓPRIA APRENDIZAGEM

Antes de mais nada, é preciso que se tenha em mente que há uma linha tênue entre o aprender e o ensinar. Ensinar, do latim *insignare*, que significa instruir sobre, indicar, assinalar, marcar. Aprender, segundo o dicionário Michaelis, significa: Ficar sabendo, reter na memória, tomar conhecimento de, passar a compreender. A educação, pode ser desmembrada nestes dois conceitos: aprendizagem e ensino, pois a educação se realiza quando um projeto de ensino gera aprendizagem (MAIA e MATAR, 2007).

Não necessariamente, ao ensinar garante-se a aprendizagem. Logo, para que a aprendizagem se efetive é preciso que o professor/tutor e estudante estejam em harmônica sintonia, ou seja, o estudante precisa estar motivado para desenvolver sua aprendizagem e estratégias de estudo, de forma autônoma, bem como, o tutor precisa criar estratégias de aprendizagem, analisando (sempre que possível) o perfil de cada estudante (embora não seja uma tarefa tão simples) e mudando, por vezes, os métodos de ensino utilizados. Assim, Silva (2014, p. 8) ressalta que “O Professor ou Tutor no EaD é gestor do processo didático sendo o grande responsável pela disposição do aluno querer desenvolver sua aprendizagem autônoma.”

Ao ensinar, é preciso levar em consideração que é preciso ensinar diferente para pessoas diferentes, nas multiplicidades. Vale mencionar que, muitas vezes, com a exponencial gama de informações, os cursistas não conseguem filtrar informações da rede mundial de computadores e/ou não se acostumam com os métodos tradicionais (embora alguns se adequem/preferem) de ensino, portanto, o principal papel, e ao mesmo tempo, desafio do tutor é perceber as dificuldades dos

estudantes e tenta criar e adaptar alternativas para tornar as aulas menos entediadas a partir da realidade do estudante e, conseqüentemente, mais atrativas. Desta maneira, Moran (2000) pontua:

Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida. (MORAN, 2000, p. 2)

Assim, é preciso gerar significação para a aprendizagem, questionando e refletindo sobre a veracidade das informações e o nível de conhecimento apreendido, criando identidade (quem/como/por que considero tais aspectos importantes para minha formação docente?) para formação profissional.

A autonomia é um dos pilares de sustento da aprendizagem em qualquer contexto, mas, quando se trata da Educação a Distância, ainda é uma relação mais estreita. Conforme Carvalho, Lopes e Santos (2007, p. 5) “Assim como no ensino presencial, o aluno, no ensino à distância, continuará dependendo dele próprio para chegar ao seu objetivo, o aprendizado [...]”. E, este fato se concretiza, principalmente, mediante interação entre educandos e aprendizes. Além disso, é preciso pensar, de acordo com Silva (2004, p. 9) quando aponta para a “a formação de um profissional autônomo, crítico e criativo, que não pense de forma fragmentada, mas de forma global e sistematizada.”. Portanto, valoriza o estímulo do senso crítico e reflexivo dos estudantes, e não a restrita prática que privilegia a mera aquisição de conteúdos curriculares, mas para que estes se tornem profissionais mais completos.

Por ser realizado em espaço virtual, o curso a distância implica, como o próprio nome sugere, a distância físico-temporal, e requer do aluno uma disciplina, ao mesmo tempo que requer do docente uma seleção mais criteriosa e adequada dos materiais e conteúdos pragmáticos do curso, além de um acompanhamento mais contínuo e efetivo do desenvolvimento dos cursistas. Este contexto vai de encontro a motivação, uma vez que existem dois perfis de estudante, os:

[...] que estão prontos para aprender o que temos a oferecer. É a situação ideal, onde é fácil obter a sua colaboração [...] outros que não estão prontos, que são imaturos ou estão distantes das nossas propostas. Procuraremos aproximá-las o máximo que pudermos deles, partindo do que eles valorizam, do que para eles é importante. (MORAN, 2000, p. 3)

Portanto, Moran aponta dois perfis de estudantes, os considerados “ideais”, que possuem facilidade no processo e não trazem “problema”, e os que, por um motivo ou outro não conseguem se encontrar dentro do contexto, logo, é preciso exercer a sensibilidade docente.

3. CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES PARA FAZER UM CURSO EAD

Iniciar um curso na modalidade a distância é uma tarefa que exige muita disciplina do estudante, que regula sua própria aprendizagem e as estratégias de ensino. O uso restrito e obrigatório (se tratando de cursos totalmente a distância) do computador ou dispositivo com acesso à rede mundial de computadores (Internet), a ausência de um acompanhamento docente mais imediato, aliada a falta de contato com colegas são algumas das situações comuns na EaD.

Disciplina, organização, curiosidade e autonomia, motivação e pro atividade e familiaridade com a tecnologia digital, não são determinantes do sucesso do estudante da EaD, embora facilitem o processo. Abaixo uma explanação maior sobre estas características:

- *Disciplina*. Este termo vem do latim *disciplīna,ae*, "ação de se instruir, educação, ciência, disciplina, ordem, sistema, princípios de moral", ou seja, a disciplina está ligada ao cumprimento de regras, necessárias na maioria dos processos (pessoal e profissional). Portanto, “O aluno deve respeitar horários fixos para estudar e fazer as atividades. Caso contrário, ele corre o risco de não conseguir acompanhar o curso e nem tirar boas notas nas avaliações” (Blog, COPETTI, Lígia)³

- *Organização*. Do grego "organon", significa instrumento, utensílio, órgão ou aquilo com que se trabalha. De forma geral, pode ser compreendida como a maneira de sistematizar para atingir resultados esperados. Esta, permeia basicamente todas as áreas, desde a organização empresarial até a forma pessoal. Logo, “O estudante tem que fazer um planejamento, criar uma rotina de estudos, estabelecer metas diárias, priorizar as tarefas mais urgentes e organizar o material a ser estudado”.⁴

³ **Cinco características para ser bem-sucedido em um curso de EaD**. Disponível em: <<http://educacaopsicologiaeinformatica.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 de jan. De 2016.

⁴ **Cinco características para ser bem-sucedido em um curso de EaD**. Disponível em: <<http://educacaopsicologiaeinformatica.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 16 de jan. de 2016.

- *Motivação e pro atividade.* Motivação vem do latim *MOVERE*, que significa mover para realizar determinada ação; já *pro atividade* vem do prefixo "pro" (de origem greco-latina) significa movimento para frente, antecipação. Como dito anteriormente, o aluno precisa motivar seu estudo, para domínio do conteúdo, ainda que o tutor oriente na realização das tarefas. O estudante precisa, neste contexto, exercer seu papel de pesquisador, para analisar fontes complementares, e participar das diversas atividades, incluindo os fóruns e salas de bate-papo (chats).

- *Curiosidade e autonomia.* Outras características importantes para este perfil de estudantes, pois vai de encontro ao caráter investigativo do estudante, este que não se limita aos recursos disponibilizados no curso, mas busca em diversas fontes, desde aos vídeos, perpassando pela leitura de materiais, até as discussões e problematizações com os docentes para construção do conhecimento. Entretanto, "Se o aluno não é autônomo para aprender, é obrigação do ensino organizar as situações de aprendizagem de maneira a levar o aluno a refletir e estabelecer conexões." (CARVALHO, LOPES e SANTOS, 2007, p. 5)

- *Familiaridade com a tecnologia.* Obviamente, é preciso está em sintonia com o ambiente de trabalho, entretanto, nem todos sabem manipular os recursos tecnológicos e os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs). Além disso, por vezes, falta de um serviço de internet com boa velocidade para suportar aulas, como videoconferências, vídeos (de forma geral) e um computador com uma configuração relativamente boa para suportar os demais recursos.

Estes fatores apontados acima, direta e indiretamente, interferem no caminhar para atingir a aprendizagem.

3.1 DESAFIOS NAS DIFERENTES FORMAS DE ENSINAR E APRENDER

Carvalho, Lopes e Santos (2007), discutem que para compreendermos como se aprende em uma metodologia de ensino, precisamos refletir sobre os contextos social e histórico das pessoas envolvidas no processo e as características da educação e conhecimento neste percurso. Todavia, é preciso pensar o novo perfil de estudantes, estes que aprendem fora das fileiras acadêmicas, e que tem acesso a variadas informações, embora nem sempre saibam filtrá-las.

É pertinente trazer um rápido recorte das ideias de Freire e a educação bancária, em seu livro *Pedagogia do Oprimido*. A educação bancária, tão criticada

por Freire, pensa o estudante enquanto tábula rasa ou recipientes vazios, onde são depositadas informações no estudante, e este aceita passivamente, sem questionar. Em contraponto, ele apresenta a educação humanista e problematizadora, baseada no diálogo, ou seja, a partir da interação para que a aprendizagem seja concretizada. Estes conceitos utilizados por Freire não se limitam a educação presencial, mas estende as demais esferas de ensino, uma vez que os estudantes podem e devem interferir nos caminhos para chegar ao seu fim principal, a aprendizagem.

Os estudantes atuais possuem maior acesso à tecnologia (embora nem todos possuam acesso regularmente) e estas modificações são ocasionadas devido a cultura informática, destacando três pontos fundamentais, de acordo com Carvalho, Lopes e Santos (2007)

[...] a velocidade de aparição e de renovação dos saberes em geral, em que, a maior parte das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estará obsoleta ao fim de sua carreira; a nova natureza do trabalho em que trabalhar torna-se cada vez mais aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos; os dispositivos da informática suportam tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção, raciocínios) (CARVALHO, LOPES E SANTOS (2007, p. 4)

Desta maneira, a tecnologia não pode ser vista com caráter de redenção, mas como uma possibilidade, dentre tantas outras, desenvolvida a partir de um planejamento e finalidade elencados pelo docente, para expor um conteúdo, via de regra que “a tecnologia não traria, em si mesma, nenhum benefício para a educação” (MAIA e MATAR, 2007, p. 14), mas sim “[...] sua aplicação, o que deve poder afetar o ensino e a aprendizagem” (Ibid). Em razão disso, estas (as tecnologias) apenas dão direção, quando mediadas da forma correta, para percorrer várias lugares e formas variadas de conhecimento, que vão dos textos aos vídeos interativos.

Moran (2007) traz uma solução salutar no que diz respeito ao maior entrosamento tutor-aluno: a aula-pesquisa. Ele discute a aula enquanto comunicação e pesquisa, onde o professor motiva e incentiva, dá os primeiros passos para a atividade a ser realizada e enfatiza a importância da participação do aluno no processo, para que este se sinta parte. Sabe-se que quando há motivação, a participação é mais expressiva e ativa, o que facilita o desenvolvimento do processo em via de mão dupla. Após exposição do projeto, ele (Moran) sugere que seja feita ao vivo o primeiro momento (mas poderia ser marcado um horário, por

videoconferência (grifo meu)), que momentos posteriores poderiam ser realizados *off-line* (no tempo mais favorável para o aluno, mas não fugindo da disciplina). Poderiam ser acrescentados também, chats (com intervalos de horários, em vários turnos) e fóruns, para sanar dúvidas sobre a atividade proposta. Portanto, todo o processo precisa ter acompanhamento docente.

A aprendizagem colaborativa, trazida nos pressupostos de Lévy, diz respeito ao aprendizado personalizado e em rede, que se mostra como outra alternativa importante na Educação a Distância. Atualmente, existem diversas ferramentas que utilizam ou foram adaptadas para este conceito, como os fóruns, Wikis, ferramentas Google Drive (Docs, Forms, Slides, dentre outros), Trello (organização de demandas, normalmente usadas por empresas). Todos estes recursos têm em comum a seguinte finalidade: a possibilidade de várias pessoas, em lugares geograficamente distintos, poderem trabalhar em grupo, o que tem contribuído para realização de trabalhos em tempos consideravelmente menores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notoriamente, as discussões tecidas aqui, sobre o processo da Educação a Distância, suas características e desafios, são pontuais e não respondem a todas as questões, via amplitude que é esta modalidade de ensino, mas tentou-se trazer e problematizar sobre algumas das dificuldades e desafios no que se refere ao ensino e aprendizagem, tanto por parte do professor-tutor quanto do estudante, este que precisa gerenciar sua aprendizagem.

É preciso que haja modificação nas formas de ensinar e aprender, de maneira mais interativa, atrativa e compartilhada, para atingir um maior número de alunos e, principalmente, de forma mais significativa, para ambos os lados.

O professor, enquanto mediador, ainda que separado espaço-temporal, deve ser co-responsável pela aprendizagem individual e social do conhecimento do estudante. Portanto, consiste num facilitador, para elencar avanços no processo da aprendizagem, embora existam limites de estrutura do curso, como conteúdo programático, normais gerais e tempo das aulas. Por outro lado, existem os estudantes e as singulares: “aprender a aprender é um novo desafio que hoje exige muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos

fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação”, conforme (Carvalho, Lopes e Santos, p.2)

Também é preciso ficar atento as práticas pedagógicas, estas que não devem privilegiar apenas a aquisição de conteúdos curriculares, mas o desenvolvimento do ser crítico e reflexivo, necessário a formação pessoal e profissional.

Há um novo cenário da sociedade. Segundo Alarcão (2005, p.5) “estarmos passando da “sociedade da informação” para a sociedade da aprendizagem”, onde pontua que para haver conhecimento é precisa organização da informação, ilustrando a demasiada quantidade de informações, muitas vezes, fragmentadas e descentralizadas.

As tecnologias enquanto veículos de transposição de conteúdos e interação, devem ser exploradas e devem permitir o ensino “sem distância”, no sentido de possibilitar que várias pessoas, universalmente, independentemente de onde estejam, tenham acesso ao conhecimento de qualidade. Estas (tecnologias), tem oferecido um leque de opções metodológicas, que podem chegar a diferentes perfis de público, se utilizadas com fins educativos, e até evitar a evasão, muitas vezes gerada pela desmotivação dos alunos.

5. REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 15.

CARVALHO, Adriana dos Santos Caparróz; LOPES, Maria Cristina Lima Paniago; SANTOS, Rosimeire Martins Régis dos. **Educação a distância e suas diferentes formas de aprender – novos aprendizes?** Disponível em:

<<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/552007123142AM.pdf>>. Acesso em: 15 de jan. de 2017.

MAIA, C.; J. MATTAR. **ABC da EaD: a Educação a Distância hoje**. 1. ed. São Paulo: Pearson. 2007.

MORAN, José. **Mudar a forma de ensinar e de aprender: Transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual**. Publicado inicialmente na Revista Interações, São Paulo, 2000. vol. V, p.57-72.

SILVA, Antônio Carlos Ribeiro da. **Educação a distância e o seu grande desafio: o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem.** Disponível em:
<<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/012-TC-A2.htm>>. Acesso em: 15 de jan. de 2017.